

MOBILIDADE DOS EMPREENDEDORES E VARIAÇÕES NOS RENDIMENTOS

NOTA CONJUNTURAL • ABRIL DE 2014 • Nº 31



PANORAMA GERAL

Os movimentos de transição da população ocupada entre as diversas posições de ocupação podem fornecer pistas importantes da situação do mercado de trabalho atual. A queda na informalidade ocorrida durante a última década está estreitamente relacionada com a transição de trabalhadores sem carteira assinada e de trabalhadores por conta própria para a posição de empregado com carteira.

Desse modo, nesta Nota Conjuntural investigam-se as transições recentes dos trabalhadores entre as posições de ocupação e os setores de atividade na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ). Em particular, busca-se analisar as transições dos microempreendedores¹ com maior sucesso, definido em termos de ganhos de rendimentos.

Primeiramente, analisam-se os movimentos de transição dos trabalhadores entre as diferentes posições de ocupação e os possíveis ganhos ou perdas de rendimentos associados a essas mudanças. Em seguida, são exploradas as transições dos microempreendedores entre os setores de atividade e as consequentes variações de rendimentos. Os dados utilizados são da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e cobrem o período de 2003 a 2013.

A Pesquisa Mensal de Emprego possui um formato de painel de dados, no qual cada indivíduo pode ser acompanhado por um período de até 16 meses. Esse formato permite identificar a trajetória individual no mercado de trabalho, ou seja, as possíveis

1. Foram considerados microempreendedores os trabalhadores por conta própria e os empregadores com até cinco empregados.

transições entre posições de ocupação e setor de atividade e também a evolução do rendimento. A pesquisa abrange um total de seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre e Rio de Janeiro).

A fim de investigar as transições no mercado de trabalho, utilizaram-se as informações da primeira entrevista de cada trabalhador e sua situação um ano depois. Dando continuidade ao tema abordado na nota anterior, foram considerados dois períodos: o primeiro, que vai de 2003 a 2008, antes da criação da figura do Microempreendedor Individual (MEI); e o segundo, que vai de 2009 a 2013.

AS TRANSIÇÕES ENTRE AS POSIÇÕES NA OCUPAÇÃO

As Tabelas 1 e 2 apresentam as matrizes completas de transição por posição de ocupação para os períodos de 2003/2008 e 2009/2013, respectivamente, na RMRJ. As linhas indicam a posição na ocupação inicial, as colunas mostram as posições na ocupação a que se destinaram, ou permaneceram, os ocupados um ano depois. Os valores apresentados são médias de cada período e estão expressos em percentuais.

Na diagonal da matriz (área em cinza) encontram-se os trabalhadores que permaneceram na posição na ocupação inicial. As linhas representam as transições de uma posição de ocupação inicial para todas as demais, e sua soma totaliza 100%.

Em geral, entre os dois períodos analisados houve queda na permanência no emprego para todas as posições de ocupação na RMRJ. A permanência no emprego foi maior para os empregados com carteira de trabalho assinada e funcionários públicos. Em seguida, estão os trabalhadores por conta própria. Os pequenos empregadores (com até cinco empregados) formam o grupo mais volátil, quer dizer, com maior probabilidade de transitar para outra posição na ocupação, seguidos pelos não remunerados, empregados sem carteira e demais empregadores.

TABELA 1 | MATRIZ DE TRANSIÇÃO DOS OCUPADOS: MÉDIA DO PERÍODO 2003-2008 – RMRJ EM (%) FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO INICIAL	POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO FINAL						
	EMPREGADO COM CARTEIRA	EMPREGADO SEM CARTEIRA	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	CONTA PRÓPRIA	EMPREGADOR COM ATÉ 5 EMPREGADOS	EMPREGADOR COM MAIS DE 5 EMPREGADOS	NÃO REMUNERADO
Empregado com carteira	92,3	3,8	1,7	1,9	0,2	0,1	0,0
Empregado sem carteira	17,4	70,1	2,4	8,8	0,9	0,1	0,1
Funcionário público	7,2	2,8	89,2	0,5	0,2	0,0	0,0
Conta própria	4,3	8,2	0,4	82,3	4,2	0,4	0,2
Empregador com até 5 empregados	3,8	5,9	0,3	24,5	61,8	3,4	0,4
Empregador com mais de 5 empregados	5,7	4,5	0,3	6,8	14,4	68,3	0,0
Não remunderado	3,2	18,3	1,3	11,6	2,7	0,0	62,8

TABELA 2 | MATRIZ DE TRANSIÇÃO DOS OCUPADOS: MÉDIA DO PERÍODO 2009-2013 – RMRJ EM (%) FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.

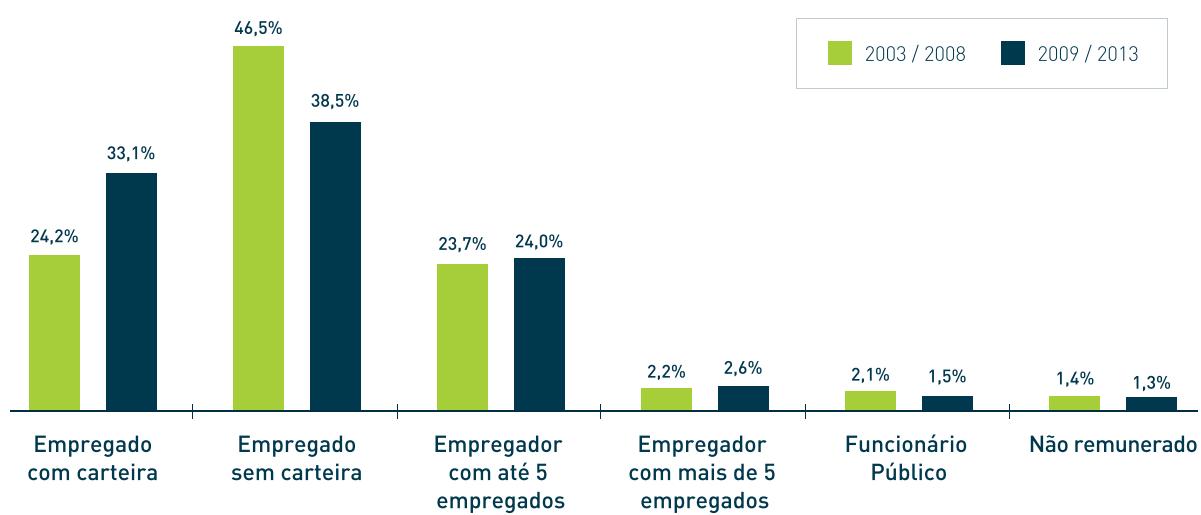
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO INICIAL	POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO FINAL						
	EMPREGADO COM CARTEIRA	EMPREGADO SEM CARTEIRA	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	CONTA PRÓPRIA	EMPREGADOR COM ATÉ 5 EMPREGADOS	EMPREGADOR COM MAIS DE 5 EMPREGADOS	NÃO REMUNERADO
Empregado com carteira	91,8	3,6	2,2	2,0	0,2	0,1	0,0
Empregado sem carteira	20,4	64,6	3,3	10,5	0,8	0,3	0,3
Funcionário público	8,7	5,3	84,9	0,8	0,2	0,1	0,0
Conta própria	5,9	6,8	0,3	82,1	4,3	0,5	0,2
Empregador com até 5 empregados	3,6	7,3	0,8	27,0	56,5	4,6	0,1
Empregador com mais de 5 empregados	4,9	11,0	0,0	8,3	9,1	65,9	0,7
Não remunderado	2,5	9,3	2,4	14,9	6,7	1,9	62,3

No caso dos trabalhadores por conta própria, houve certa estabilidade do percentual que permaneceu na mesma posição. Além disso, a RMRJ indica maiores percentuais de trabalhadores por conta própria que continuaram como tal – 82% no período pós-MEI –, em comparação à média das regiões metropolitanas brasileiras – 78% no mesmo período. No entanto, no conjunto das regiões metropolitanas brasileiras houve um aumento de 1% na permanência dos conta própria e de empregadores com mais de cinco empregados.

Os empregados sem carteira assinada apresentaram uma queda bastante expressiva na permanência da ocupação. Na RMRJ essa queda foi de 8%. Para o conjunto das regiões metropolitanas, a queda foi maior ainda, de 9%. A maioria dos empregados sem carteira migrou para a posição de empregado com carteira – 57% na RMRJ e 61% na média das regiões metropolitanas em 2013. O aumento da transição para o emprego com carteira assinada evidencia a tendência de formalização dos postos de trabalho ocorrida ao longo da década.

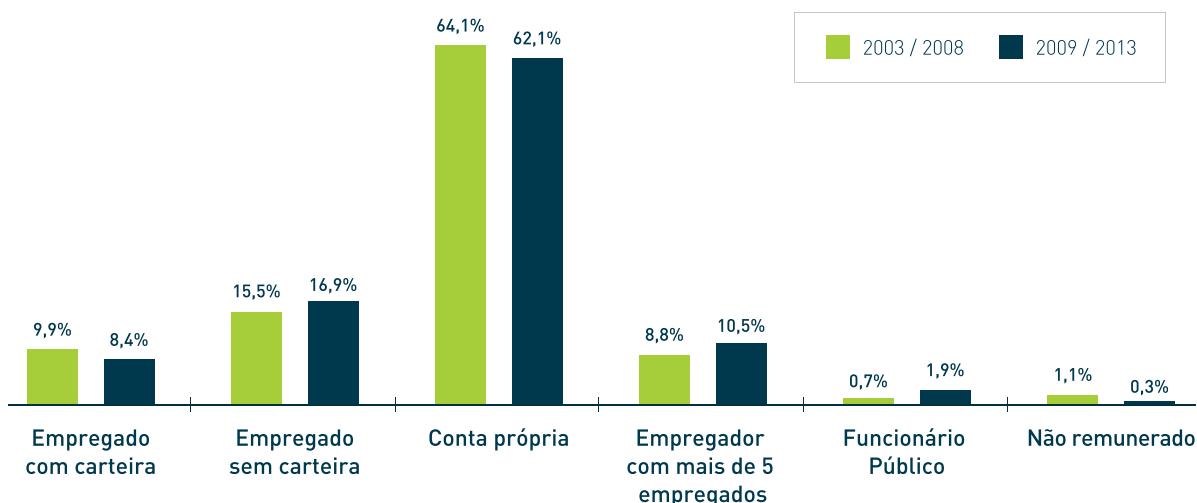
Durante o período observado, houve aumento da transição dos trabalhadores por conta própria para a posição de empregado com carteira e diminuição da transição para o emprego sem carteira, conforme mostra o Gráfico 1. Ressalta-se, porém, que o emprego sem carteira ainda é o destino mais frequente dos trabalhadores por conta própria que transitam. Já a transição do conta própria para empregador, vista como um indicador de sucesso no empreendedorismo, ficou praticamente estável entre os dois períodos.

GRÁFICO 1 | TRANSIÇÃO DOS TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA – RMRJ FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.



O grupo de empregadores com até cinco empregados apresentou o menor percentual de permanência na ocupação na RMRJ – 56,5% no período 2009/2013 – e o maior declínio na permanência – de 8,4%. A principal posição da ocupação de destino dos empregadores com até cinco empregados foi a de conta própria, como mostra o Gráfico 2. Entretanto, houve uma redução na participação da ocupação por conta própria como destino dos pequenos empregadores.

GRÁFICO 2 | TRANSIÇÃO DOS EMPREGADORES COM ATÉ 5 EMPREGADOS – RMRJ FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.



Em contrapartida, aumentou a proporção de pequenos empregadores que expandiram seu negócio e passaram a ser empregadores com mais de cinco empregados. Na RMRJ, 10% dos pequenos empregadores que migraram de posição se tornaram empregadores maiores no período 2009/2013, um aumento de 1,7 ponto percentual em relação ao período anterior.

Porém, a transição dos pequenos empregadores para a posição de empregado sem carteira também foi expressiva, tendo aumentado de 15,5% para 17% no período 2009/2013. Enquanto isso, a transição para o emprego com carteira apresentou uma redução ao longo dos anos.

AS VARIAÇÕES DE RENDIMENTO ENTRE AS POSIÇÕES NA OCUPAÇÃO

A transição de uma posição de ocupação para outra pode gerar perdas ou ganhos de rendimentos, o que dependerá da qualidade do posto de trabalho de destino. A maioria dos trabalhadores por conta própria permaneceu na mesma posição de ocupação. Os conta própria que continuaram na ocupação obtiveram um rendimento mensal de R\$ 1.443 na RMRJ no período 2009/2013, abaixo do verificado para a média das regiões metropolitanas brasileiras, de R\$ 1.664.

A Tabela 3 mostra a evolução dos rendimentos dos ocupados segundo a transição/permanência na posição de ocupação. Assim como na matriz de transição, as linhas indicam a posição na ocupação inicial. A remuneração inicial corresponde ao rendimento dos ocupados em sua primeira entrevista na PME, antes de qualquer movimento de transição. A remuneração final é a renda dos mesmos trabalhadores um ano depois, segundo a posição de ocupação final. Para exemplificar, no período 2009/2013, um trabalhador por conta própria que migrou para a posição de empregado com carteira ganhava inicialmente (como conta própria), R\$ 1.454. Após mudar para a posição de empregado com carteira, passou a receber, em média, um rendimento de R\$ 1.522, ou seja, teve um ganho real correspondente a 4,7% do rendimento inicial com a transição.

TABELA 3 | RENDIMENTO DOS MICROEMPREENDEDORES: MÉDIA DO PERÍODO 2009/2013 – RMRJ (EM R\$) FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.

POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO FINAL		EMPREGADO COM CARTEIRA	EMPREGADO SEM CARTEIRA	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	CONTA PRÓPRIA	EMPREGADOR COM ATÉ 5 EMPREGADOS	EMPREGADOR COM MAIS DE 5 EMPREGADOS	
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO INICIAL	Empregado com carteira	Remuneração	1.732	1.548	2.771	1.675	2.285	9.197
	Empregado sem carteira	Remuneração Final	1.777	1.314	3.191	1.635	3.558	9.363
		Variação (%)	2,6	-15,1	15,2	-2,4	55,7	1,8
	Funcionário público	Remuneração	1.171	993	1.536	1.204	1.288	11.473
		Remuneração Final	1.274	1.044	1.919	1.281	1.799	11.639
		Variação (%)	8,7	5,1	24,9	6,4	39,6	1,4
	Conta própria	Remuneração	3.503	3.301	3.376	2.078	9.726	7.615
		Remuneração Final	3.275	3.501	3.513	2.430	10.781	7.179
		Variação (%)	-6,5	6,0	4,0	16,9	10,8	-5,7
	Empregador com até 5 empregados	Remuneração	1.454	1.327	3.240	1.443	2.260	4.171
		Remuneração Final	1.522	1.303	3.900	1.488	2.577	4.997
		Variação (%)	4,7	-1,8	20,4	3,1	14,1	19,8
	Empregador com mais de 5 empregados	Remuneração	2.462	3.815	9.564	2.422	3.681	5.686
		Remuneração Final	1.647	3.095	5.075	2.258	3.572	4.817
		Variação (%)	-33,1	-18,9	-46,9	-6,8	-3,0	-15,3

A Tabela 3 também capta a variação no rendimento dos ocupados que permaneceram em suas posições de ocupação iniciais. De acordo com os dados, os trabalhadores por conta própria que se mantiveram na posição tiveram um ganho de rendimento de 3,1% no período em análise.

De maneira geral, os empregados sem carteira exibiam os menores rendimentos, seguidos dos trabalhadores por conta própria. A transição para o emprego sem carteira gerou perda salarial para os que estavam ocupados anteriormente como conta própria, empregado com carteira e empregador com até cinco empregados. Essa perda foi mais expressiva para os pequenos empregadores – de 19%.

Cabe destacar que a remuneração inicial dos ocupados difere bastante segundo a posição de ocupação final. Entre os trabalhadores por conta própria que migraram para a posição de pequeno e grande empregador, a remuneração inicial correspondia, respectivamente, a 1,6 e a 2,9 vezes o rendimento inicial dos conta própria que se mantiveram na posição. Ou seja, aqueles que migraram para a posição de empregador possuíam melhores atributos, provavelmente eram trabalhadores mais qualificados e com mais experiência. Esse tipo de transição gera ganhos significativos de renda. Entre os conta própria que migraram para a posição de pequeno empregador, esse ganho foi de 14%; para os que migraram para a posição de empregador com mais de cinco empregados o ganho foi maior ainda, de 20%.

A renda dos empregadores é, em geral, bem mais alta que a dos conta própria e dos empregados com e sem carteira. Entre os empregadores com até cinco empregados que permaneceram na ocupação, a remuneração média foi de R\$ 3.681 na RMRJ e de R\$ 4.108 na média das regiões metropolitanas. A transição para as demais posições de ocupação gerou perdas para os pequenos empregadores superiores à queda de rendimentos dos que permaneceram na mesma posição.

AS TRANSIÇÕES SETORIAIS DOS MICROEMPREENDEDORES

A distribuição setorial dos microempreendedores é bastante concentrada nos setores de comércio e serviços, que, juntos empregaram mais de 56% dos microempreendedores na RMRJ em 2013, segundo a PME. Em seguida, aparecem os setores de construção civil e industrial, com participação de 15% e 14%, respectivamente.

As Tabelas 4 e 5 trazem as matrizes de transição setorial para os microempreendedores nos períodos 2003/2008 e 2009/2013, respectivamente, na RMRJ. De maneira análoga à matriz de transição por posição na ocupação, as linhas indicam o setor de atividade inicial; e as colunas, os setores para os quais os microempreendedores transitaram ou permaneceram um ano depois. Na diagonal da matriz (área em cinza) encontram-se os microempreendedores que continuaram em seu setor de origem.

TABELA 4 | MATRIZ DE TRANSIÇÃO SETORIAL DOS MICROEMPREENDEDORES: MÉDIA DO PERÍODO 2003/2008 – RMRJ (EM %) FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.

SETOR DE ATIVIDADE INICIAL	SETOR DE ATIVIDADE FINAL					
	AGRICULTURA	COMÉRCIO	INDÚSTRIA	CONSTRUÇÃO CIVIL	SERVIÇOS	OUTROS
Agricultura	71,0	10,0	4,0	8,0	4,0	4,0
Comércio	0,0	81,0	6,0	2,0	8,0	3,0
Indústria	0,0	12,0	75,0	2,0	8,0	4,0
Construção civil	0,0	4,0	3,0	88,0	3,0	2,0
Serviços	0,0	6,0	3,0	2,0	86,0	3,0
Outros	1,0	7,0	3,0	3,0	8,0	78,0

TABELA 5 | MATRIZ DE TRANSIÇÃO SETORIAL DOS MICROEMPREENDEDORES: MÉDIA DO PERÍODO 2009/2013 – RMRJ (EM %) FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.

SETOR DE ATIVIDADE INICIAL	SETOR DE ATIVIDADE FINAL					
	AGRICULTURA	COMÉRCIO	INDÚSTRIA	CONSTRUÇÃO CIVIL	SERVIÇOS	OUTROS
Agricultura	77,0	10,0	0,0	7,0	3,0	4,0
Comércio	0,0	81,0	7,0	2,0	6,0	3,0
Indústria	0,0	13,0	72,0	4,0	7,0	4,0
Construção civil	0,0	6,0	2,0	85,0	3,0	3,0
Serviços	0,0	5,0	2,0	2,0	86,0	4,0
Outros	0,0	6,0	4,0	2,0	9,0	78,0

De maneira geral, a transição dos microempreendedores entre os setores é pequena e não se alterou muito entre os períodos. Os setores de maior retenção são o de construção civil e o de serviços. Durante o período analisado, ocorreu uma queda da retenção dos microempreendedores no setor de construção civil, de 88% para 85%, acompanhada de um aumento da migração para o setor de comércio e de uma redução da transição para o setor industrial. Já o setor de serviços manteve a taxa de permanência em ambos os períodos, de 86%, e com isso passou a apresentar a maior taxa de retenção dos microempreendedores.

Os setores de maior mobilidade são a agricultura e a indústria. Cabe destacar que há um percentual muito baixo de microempreendedores na agricultura (menos de 1% em 2013). A transição para esse setor foi bastante pequena nos dois períodos observados. Na média de 2009 a 2013, cerca de 5 mil microempreendedores transitaram para a agricultura, o que representa apenas 0,2% do total de microempreendedores da RMRJ.

No setor industrial foi verificada uma queda na taxa de permanência dos microempreendedores, com 72% em 2009/2013. Os microempreendedores que deixaram a indústria foram em grande parte para o setor de comércio, 45%, e outros 27% foram para o setor de serviços no mesmo período. Esse resultado pode estar indicando maiores dificuldades para manter os pequenos negócios no setor industrial, quando comparado aos setores de comércio e de serviços.

O comércio tem se configurado como o principal receptor dos microempreendedores que transitam de setor, tendo recebido cerca de 40% dos trabalhadores que saíram dos serviços e da construção civil no período de 2009/2013. Já entre os que estavam no comércio no período inicial, os destinos mais frequente foram a indústria e os serviços.

AS VARIAÇÕES DE RENDIMENTO ENTRE OS SETORES DE ATIVIDADE

Assim como na transição por posição de ocupação, a migração para outros setores pode acarretar ganhos ou perdas de rendimento. A Tabela 6 apresenta os rendimentos dos principais setores que empregaram os microempreendedores na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. De forma semelhante à Tabela 3, traz os rendimentos iniciais, antes dos movimentos de transição ou permanência, e os rendimentos finais, após esses movimentos.

TABELA 6 | REMUNERAÇÃO SETORIAL DOS MICROEMPREENDEDORES: MÉDIA DO PERÍODO 2009/2013 – RMRJ (EM R\$) FONTE: IETS com base nos dados da PME / IBGE de 2003 e 2013.

	SETOR DE ATIVIDADE FINAL	COMÉRCIO	INDÚSTRIA	CONSTRUÇÃO CIVIL	SERVIÇOS	
SETOR DE ATIVIDADE INICIAL	Remuneração	1.491	1.639	983	1.083	
	Comércio	Remuneração Final	1.518	1.752	918	1.368
		Variação (%)	1,8	6,9	-6,5	26,3
	Indústria	Remuneração	1.948	1.162	1.080	1.012
		Remuneração Final	1.642	1.192	1.275	1.180
		Variação (%)	-15,7	2,6	18,0	16,5
	Construção Civil	Remuneração	1.444	1.007	1.205	831
		Remuneração Final	1.525	1.408	1.227	813
		Variação (%)	5,6	39,9	1,8	-2,2
	Serviços	Remuneração	1.259	1.182	721	1.771
		Remuneração Final	1.638	1.212	900	1.753
		Variação (%)	30,1	2,6	24,9	-1,0

As principais transições dos microempreendedores tiveram o setor de comércio como destino. Os dados apontam que, no período 2009/2013, a transição para o comércio representou perdas de rendimentos para os microempreendedores que vieram da indústria, de 15,7%; e ganhos para os que vieram da construção civil, de 5,6%, e para os que vieram do setor de serviços, de 30%. Cabe destacar que os microempreendedores que saíram da indústria rumo ao comércio possuíam rendimentos iniciais maiores do que os demais.

Entre os microempreendedores que inicialmente trabalhavam no comércio, os que migraram para a indústria obtinham maiores remunerações iniciais, tendo tido um ganho de 6,9% no rendimento. A transição para a indústria gerou aumento de renda para todos os microempreendedores que migraram de setor, principalmente para os que saíram da construção civil, cujo ganho real foi de 40%.

Chama a atenção a baixa remuneração inicial dos microempreendedores que migraram do setor de serviços para o de construção civil, cujo rendimento era de R\$ 721, o menor observado no período. Apesar da baixa remuneração inicial, esse grupo apresentou um ganho expressivo de rendimento na transição, de cerca de 25%.

Em geral, os rendimentos dos microempreendedores da RMRJ ficaram abaixo do observado na média das regiões metropolitanas brasileiras. Para os microempreendedores que permaneceram nos setores de comércio e serviços, a média de rendimentos do conjunto das metrópoles ficou 20% acima da verificado na RMRJ.

EM RESUMO

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro possui uma alta taxa de permanência dos trabalhadores por conta própria em sua posição de ocupação inicial – de 82% em 2009/2013. No mesmo período, observou-se um aumento da transição dos trabalhadores por conta própria para a posição de empregado com carteira e diminuição da transição para o emprego sem carteira. Ressalta-se, porém, que o emprego sem carteira ainda é o destino mais frequente dos trabalhadores por conta própria que transitam.

Os trabalhadores por conta própria que se mantiveram na posição exibiram um ganho de rendimento de 3,1% no período 2009/2013. Para aqueles que conseguiram expandir seus negócios, tornando-se pequenos e médios empregadores, os ganhos de rendimento foram significativos.

Os pequenos empregadores da RMRJ são mais suscetíveis a mudanças, na medida em que 40% deles mudaram de ocupação em 2009/2013. A renda dos pequenos empregadores é, em geral, mais alta que a dos conta própria e dos empregados com e sem carteira. A transição para as demais posições de ocupação gerou perdas de rendimentos superiores às dos que permaneceram como pequenos empregadores.

A maioria dos microempreendedores da RMRJ está concentrada no setor terciário (comércio e serviços). Em geral, a transição entre os setores é baixa. Entre os dois períodos analisados, caiu a parcela de microempreendedores que permaneceu na indústria. A maior parte deles migrou para o setor de comércio. Esse último tem se configurado como principal receptor dos microempreendedores que transitaram de setor, tendo recebido 45% dos trabalhadores por conta própria e pequenos empregadores que saíram da indústria, além de cerca de 40% dos que saíram dos setores de serviços e da construção civil no período 2009/2013. Cabe destacar que a transição para o comércio representou perdas de rendimentos para os microempreendedores que saíram da indústria e ganho para os que originalmente trabalhavam na construção civil e no setor de serviços.

E MAIS...

- O nível de informalidade médio da população ocupada nas seis regiões metropolitanas cobertas pela PME ficou em 33% em 2013, o que representa uma queda de 10 pontos percentuais em relação a 2003.
- Segundo a PME, em março de 2014 os microempreendedores na RMRJ exibiram um rendimento médio mensal de R\$ 1.850, abaixo do verificado na média das regiões metropolitanas brasileiras, de R\$ 2.046.